

"RE(EXISTINDO)"

Tatiana Farias de Jesus¹

Resumo:

O presente artigo aborda dimensões pessoais e coletivas do cuidado em tempos de pandemia do coronavírus, enfatizando as especificidades relativas à experiência de mulheres que tem atravessado questões como: a sobrecarga com o trabalho doméstico, atenção aos filhos e demais familiares, excessivas atividades de *home office*, além da produção acadêmica. Esta última tem sido duramente impactada por todas as demandas citadas reiterando marcadores sociais, de gênero e raça sobre a vida de mulheres negras, como eu. Nesse momento difícil para a história da humanidade, é fundamental a reflexão sobre o papel de experiências religiosas como o Candomblé, religião de matriz africana, como herança de resistência daquelas/es que buscaram na fé estratégias de sobrevivência para viver num mundo no qual contra sua origem e cor da pele são impostas barreiras para sua condição social.

Palavras-chave: cuidado de si - pandemia- interseccionalidade – yabás – candomblé

Abstract:

This article addresses personal and collective dimensions of care in times of the corona virus pandemic, emphasizing the specifics related to the experience of women who have been experiencing issues such as: overload with domestic work, attention to children and other family members, excessive home office activities, in addition to academic production. The latter has been severely impacted by all the aforementioned demands reiterating social, gender and race markers on the lives of black women, like me. In this difficult time for the history of humanity, it is essential to reflect on the role of religious experiences such as Candomblé, an African religion, as an inheritance of resistance from those who sought in faith strategies for survival to live in a world in which against their origin and skin color are imposed barriers to their social condition.

Keywords: self-care - pandemic- intersectionality - yabás - candomblé

¹ Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2004). Especialista em História da Bahia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2008). Mestre em Estudos Interdisciplinares Mulheres, Gênero e Feminismo pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, na Universidade Federal da Bahia (2009). Lecionou como professora temporária do Instituto Federal da Bahia, Campus Camaçari. Atualmente é docente no Centro Universitário Jorge Amado e professora da Rede Municipal de Ensino da Cidade de Salvador/Ba. Doutoranda do Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo PPGNEIM/UFBA.

*Dia houve em que todos os deuses
deveriam atender ao chamado de
Olodumare para uma reunião
Iemanjá estava em casa matando um
carneiro,
quando Legba chegou para avisá-la do
encontro.
Apressada e com medo de atrasar-se
e sem ter nada para levar de presente para
Olodumare,
Iemanjá carregou consigo a cabeça do
carneiro
como oferenda para o grande pai.
Ao ver que somente Iemanjá trazia-lhe um
presente,
Olodumare declarou:
“Awoyó orí dorí re”.
“Cabeça trazes, cabeça serás”
Desde então Iemanjá é a senhora de todas as cabeças.
(Mito yorubá registrado por Reginaldo Prandi)*

*“Eu danço a dança das tuas marés”
(Luedji Luna, 2020)²*

Ondas gigantes aportam-se sobre nosso cotidiano.

O ano de 2020 deixa marca muito profunda nas nossas histórias e memórias. Vivemos momentos de uma crise sanitária e, também, política, econômica, emocional. Para que possamos sobreviver aos dissabores desse ano, com suas marcas de luta e de dor, tenho recorrido e me recolhido na filosofia *yorubá* - língua viva nas canções, nos rituais e outras formas cotidianas de comunicação - tão bem guardada por nossas/os ancestrais que preservaram seus segredos e sua magia através do Candomblé. Essa religião tem sido, há séculos, fonte de resistência de africanas/os, arrancados de suas terras para serem escravizados aqui nas Américas. Foi nessa religião também que encontraram uma das fontes de sobrevivência diante de vidas assoladas pela violência da escravidão. Com nossas mães velhas e através da oralidade, aprendi a acreditar na

² Canção “Bom mesmo é estar debaixo d’água”. Luedji Luna. Album: Bom mesmo é estar debaixo D’água, 2020. Ver publicação da artista: <https://www.youtube.com/watch?v=BCQnOftvLXM>

presença e na potência dos Orixás. Essas divindades tem sido também minha fonte de re(existência) e sobrevivência nesse contexto tão sobrecarregado por injustiças, mortes, racismo, machismo, LGBTQIfobia.

O poder das *yabás*, divindades femininas do Candomblé, tem amparado a mim desde meu renascimento e outras tantas irmãs de barco dessa travessia, camaradas da mesma embarcação tão difícil e marcada por tsunamis e maremotos. No colo dessas deusas, derramo minhas lágrimas insubmissas de revolta. Indignada, coleciono(amos) dados absurdos de violência que viraram expressivas notícias ao longo desse ano turbulento: as mortes de Emanuele Natalícia, Laís do Amparo, Carine Santana (Salvador), essa última, morta a facadas por seu ex-companheiro, ao lado das cenas da violência obstétrica na Santa Casa de Misericórdia (Belém), quando um bebê teve sua cabeça arrancada durante o parto, ou ainda a morte precoce de Miguel Otávio Santana da Silva (Recife), criança negra de 5 anos que caiu do nono andar de prédio de luxo após ser abandonado criminosamente pela patroa de sua mãe, Mirtes Renata Santana da Silva, durante o turno de trabalho dela.³ Em Salgueiro/RJ o assassinato do menino João Pedro Mattos, morto pela Polícia Militar dentro de casa, junta-se à notícia do crime de homofobia cometido contra Rauan Pereira dos Santos (Salvador), torturado e que teve seu couro cabeludo arrancado, bem como a do assassinato de João Alberto Freitas, homem negro morto covardemente, por seguranças dentro de rede de Supermercados Carrefour, às vésperas do Dia 20 de Novembro. E o que dizer do aumento de casos de feminicídio e outras violências durante o contexto de isolamento social, por conta da pandemia do COVID19? Diante de tantos acontecimentos inaceitáveis - e que atingem preferencialmente a população negra e as mulheres – é fundamental reconhecer a importância de experiências de cuidado coletivo, a exemplo das religiões afro-brasileiras, espaços de proteção e cura das vidas em curso nos tempos de hoje. No interior deste culto são as *yabás*, Orixás poderosas que dominam as águas, raios e trovões, meu principal refúgio nesse momento.

Iemanjá, rainha das águas, celebrada no mês de fevereiro, com flores e perfumes que se juntam às águas salgadas formando um mágico espetáculo, tem sido uma dessas deusas fundamentais no processo de cura dessa travessia do ano de 2020. Como mencionado no *itan*⁴ citado anteriormente, ela destaca-se pela missão de cuidar de nossos

³ A família da criança luta para que a culpada, a patroa Sari Côrte Real, seja condenada pela justiça.

⁴ Histórias contadas pelas/os mais velhas/os no candomblé e que revelam as relações vividas pelos orixás. Os itans trazem ensinamentos que podem nos orientar nos nossos caminhos e nas nossas escolhas.

orís, nossas cabeças. E como não nos preocuparmos com o cuidado do nosso orí nesse momento em particular? Vivo no país que também aumentou os índices de transfobia nos últimos meses. Segundo o boletim Nº 05/2020 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), entre os meses de janeiro a outubro de 2020, houve um crescimento de 22% das mortes de pessoas trans, comparado a todo ano de 2019⁵.

O índice de assassinatos de pessoas trans, jovens negros que continuam sendo mortos em consequência da violência policial e do tráfico, além de ataques do governo federal brasileiro ao serviço público e à profissão docente (a qual faço parte), são questões que não poderia deixar de mencionar. Para piorar, o atual representante do poder executivo no Brasil trata com descaso a propagação do vírus que já levou a óbito mais de 167 mil pessoas. São notícias de um cotidiano atravessado por questões de raça, gênero, classe, religião e outros marcadores. Nesse sentido, utilizo o conceito de interseccionalidade como âncora para refletir minha experiência, individual e coletiva durante a pandemia. A respeito deste conceito, Cecília Sardenberg afirma que de modo geral,

todas (e todos) nós desfrutamos de privilégios e sofremos opressão de acordo com nossa posicionalidade relativa aos sistemas de opressão que se entrelaçam, tais como racismo, classismo, sexismo, etnocentrismo e etarismo. (SARDENBERG, 2015, p.82)

De fato, esses sistemas de opressão operam sobre nossos corpos de diversas formas. A configuração da rotina exaustiva, do excesso de atividades domésticas ao lado da sobrecarga profissional, da redução dos salários e de oportunidades de emprego, figura como dura realidade comum para muitas mulheres onde o trabalho se estende para a esfera da casa provocando desgaste físico e psicológico. Segundo pesquisa do Sindicato Nacional de Docentes das Instituições do Ensino Superior (ANDES), a sobrecarga sobre as mulheres durante a pandemia do COVID19 tem atingido as pesquisadoras e afetado nossa produtividade acadêmica porque muitas de nós estamos solitárias no cuidado com filhos e mais velhos, o que dificulta a realização de atividades acadêmicas⁶.

Em levantamento do Movimento *Parent in Science*, intitulado "Produtividade Acadêmica durante a Pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade", a respeito das alunas de pós-graduação que estão conseguindo trabalhar na pandemia, somente 11% das

⁵Para mais informações e boletins anteriores consultar:

<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-5-2020-assassinatos-antra.pdf>.

⁶ <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/mulheres-estao-ainda-mais-sobrecarregadas-durante-a-pandemia-aponta-pesquisa1>

mulheres com filhos estão conseguindo produzir, comparado aos 20,6% dos homens com filhos. No que se refere ao recorte de raça, 25,7% das mulheres negras estão conseguindo produzir, enquanto 38,7% dos homens brancos estão produzindo, o que revela uma disparidade quando entrelaçamos raça e gênero. Outra pergunta realizada refere-se ao impacto da pandemia na produção das dissertações de mestrado e teses de doutorado, 83,4% das mulheres estão impactadas e 77,5% dos homens também relataram as dificuldades. Dessa forma, como nos alerta Kimberle Crenshaw, “para apreender a discriminação como um problema interseccional, as dimensões raciais ou de gênero, que são parte da estrutura, teriam de ser colocadas em primeiro plano, como fatores que contribuem para a produção da subordinação”. (CRENSHAW, 2002, p.176).

Carla Akotirene analisa que: “A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos” (AKOTIRENE, 2019, p.63). E esses números revelam uma estrutura desigual entre homens e mulheres que se intensifica quando consideramos a questão racial⁷. Sardenberg ressalta que os marcadores de gênero, raça e classe, “ainda que compartilhando as mesmas feições como ‘prismas sociais’ ou marcadores que estabelecem divisões sociais, bem como sendo construídos por, ou entrecortados uns pelos outros”, não podem ser analisados sob uma perspectiva que estabeleça hierarquias entre os mesmos. (SARDENBERG, 2015, p.88)

As mulheres estão sobrecarregadas com o trabalho remoto e outras funções de organização do cotidiano, além do cuidado de outras pessoas do seu convívio nessa pandemia. O excesso de trabalhos domésticos não divididos entre companheiros e filhos e o *home office* tem exigido muito de nós. *Google Meet*, *Teams*, formulários do *Google*, *Zoom*, invadiram nossa rotina. Todos esses dados refletem minha experiência como docente e estudante de pós-graduação na pandemia. Tenho vivido algumas angústias. Assisti à intensificação da precarização do trabalho docente nas universidades privadas, acompanhado de profundo desrespeito e ataque à categoria, além de sobrecarga, adoecimento, junção de turmas, aumento do número de estudantes por sala, novas exigências aliadas àquelas anteriormente existentes, subemprego e, também, desemprego. Sim, muitas/os colegas de instituições de ensino superior e básico da rede

⁷ https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true

privada foram demitidas/os nesse momento tão crítico para o setor da educação, haja vista o baixo índice de matrículas dos seus estudantes por conta do empobrecimento de muitas famílias, ou do desemprego em massa pois, as/os próprias/os discentes que custeavam suas mensalidades.

No que diz respeito à educação pública, tenho angustiadamente acompanhado o crescimento dos abismos entre estudantes de escolas públicas, grupo que trabalho há cerca de 14 anos e estudantes de escolas privadas. Como aponta Sueli Carneiro, essa conjuntura atual de abismo socioeconômico, racial e educacional, também é parte do epistemicídio que, além da tentativa de anular e/ou desqualificar as sabedorias construídas pelos “povos subjugados”, tem provocado “um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual”. E completa que, “nesse sentido, o epistemicídio fere de morte, a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc”. (CARNEIRO, 2005, p.97)

São as vidas de milhares de estudantes cujas famílias, em sua maioria, enfrentam dificuldades financeiras, estão desempregadas ou vivem em sua maioria do mercado informal, um dos setores mais afetados em 2020. Os governos estadual e do município de Salvador não deram a devida atenção que a situação exigia, no setor da educação. Do lado de cá, do chão da sala de aula, professoras, coordenadoras e gestoras das escolas elaboraram alternativas de aproximação com as/os estudantes. E assim o fizemos, nos reinventando, elaborando vídeos, atividades para que pudéssemos nos manter próximas de crianças, adolescentes e adultos da rede pública de ensino matriculados na básica e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No que diz respeito aos afazeres domésticos, o excesso de atividades, que já existia em muitos lares, agora atinge mulheres, que assim como eu, dedicam-se ao trabalho e nesse momento estão no *home office*. Cozinhar, limpar, dar conta das atividades escolares dos filhos. Essa rotina, que por vezes me deixou, e ainda deixa exausta, também traz algumas angústias, porque tenho demandas que são minhas, pessoais, íntimas. Principalmente a possibilidade de dedicação às leituras, estudos, cuidado com meu corpo e meu equilíbrio. Nesse sentido, acredito ser tão essencial recorrer à divindade, senhora das nossas cabeças, Iemanjá a quem clamo proteção e equilíbrio para livrar-me e livrar-nos dos adoecimentos do *orí* e me fortalecer. O cuidado espiritual, como disse

anteriormente, é um dos meus refúgios, o ar que escolhi para respirar em tempos pandêmicos. Esse mergulho tem sido fundamental para tomar o fôlego necessário e respirar, ainda que por detrás das máscaras.

Mas, esse mergulho não significou que estaria alheia aos acontecimentos. Pelo contrário, é uma maneira de enxergar o mundo! Além dos cuidados com o isolamento social, uso de máscaras e higienização das mãos, priorizei essa que é minha crença e de muitas das minhas e meus antepassados, ainda que tenham sido perseguidas/os. Essa atitude também está em risco haja vista o avanço do racismo religioso entre adeptos de religiões fundamentalistas cristãs, fortemente reacionárias e conservadoras, que defendem retrocessos de direitos civis e enxergam tanto “espírito no feto e nenhum no marginal”⁸. A exemplo, dezenas de pessoas instalaram-se na porta de um hospital público em Recife/PE para impedir, julgar e perseguir uma menina de 10 anos, que decidiu e tinha o direito de abortar ao engravidar após estupro praticado pelo tio, que já o fazia há alguns anos. Essas pessoas conservadoras que dizem zelar pela vida e humanidade do feto, legitimam a violência do agressor sexual de crianças e atentam contra a vida da menina vitimizada, ao desconsiderar o direito de interromper uma gravidez produto de violência sexual. Colocaram ainda em risco a integridade física e emocional da vítima menor de idade, corroborando com outras tantas violências sofridas pela jovem, incluindo a violência institucional de alguns hospitais que lhe rejeitaram atendimento e acompanhamento garantido pela legislação vigente.

Para enfrentar tantas atrocidades, sigo confiando nas *Yabás*. Conta-nos uma história preservada na oralidade que *Iansã*, mãe de nove filhos, utilizou sua magia para transformar-se em um búfalo e defendê-los. Essa divindade tem poder de encantamento, está sempre ao lado da justiça, e é nela que deposito minha esperança, porque a justiça heteronormativa, misógina, racista continua absolvendo homens de suas práticas violentas e transferindo a responsabilidade – nesse caso, a culpa - para suas vítimas. A popularidade da expressão “estupro culposo”, nas redes sociais dos últimos meses, nos dá a dimensão da inconformidade diante dessa violência estrutural e da ação de homens da “justiça” para proteger homens estupradores.

Seguindo os fundamentos espirituais do Candomblé, acreditamos em *Iansã* no seu domínio sobre os raios, na sua leveza como uma borboleta e na sua força como um búfalo. Essaorixá, segundo conta o *itan*, se compadeceu com a situação de Omolu, orixá ligado

⁸ Trecho da canção *Haiti* de Gilberto Gil e Caetano Veloso. Disco: Tropicália 2, ano: 1993

às curas, que vivia envergonhado com as feridas que tomavam seu corpo. Então, um dia, a rainha dos raios e ventos soprou as palhas daquele orixá e a força de sua ventania fez com que as feridas de Omolu voassem e ele se transformou num belo jovem. Como duvidar do poder dessas divindades? Clamo que Iansã continue soprando para longe as mazelas desse mundo e nos ajude a superá-las.

Cuidado coletivo e em rede

Mencionei anteriormente, algumas estratégias às quais tenho recorrido em busca do autocuidado, preservação do equilíbrio emocional. Acredito que estas se baseiam em outras epistemologias afrocentradas, que remontam a tradições milenares originárias de inúmeras regiões do continente africano. De outro modo, Michel Foucault ao analisar ‘o cuidado de si’ remonta à tradição grega que tem uma ligação com o “pensamento e a prática médica” (2019, p.70), ao estabelecerem formas de dedicar-se ao corpo que:

Por essa expressão é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é, em todo caso, um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes, ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu, assim, uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas, comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber. (FOUCAULT, 2019. p.58)

O autor sinaliza, entretanto, que esse fenômeno do cuidado de si limitou-se a determinados grupos sociais, “portadores de cultura”. Estes deveriam valorizar o treinamento físico para manter seus corpos saudáveis e “corrigir a alma se quer que o corpo não prevaleça sobre ela”, para garantir o domínio sobre si próprio, e não permitir que desejos do corpo tomem conta de sua alma. (FOUCAULT, 2019. p.73)

Foucault caracteriza esse processo de valorização das relações de “si para consigo” como parte do processo de desenvolvimento de uma cultura de si, cujos princípios fundamentam “a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. (2019, p.57) Para ele, o cuidado de si, é uma característica que distingue o ser humano do restante dos animais e perpassava pelos cuidados com a alma, o controle dos impulsos, das agitações e daquilo que perturbava a alma, como as paixões, que provocariam aquilo considerado como um desvio.

Importante pensar no conceito, outrora debatido pelo filósofo francês, pois acredito que nós mulheres devemos recorrer às estratégias do cuidado de si para que possamos garantir nossas existências. Acrescento ainda que, além da lógica do autocuidado pautado na individualidade e na integridade do corpo, minha ancestralidade e experiência familiar, afetiva, religiosa me ensinou a respeito do cuidado fundamentado numa lógica baseada em estratégias de solidariedade em grupo, em rede. Diferentemente do modelo ocidental, do cuidado de si discutido por Foucault, nossas práticas estão ancoradas no reconhecimento de si como parte de uma coletividade, com os *malungos*, nossas irmãs e irmãos de barcos e travessias. Não pretendo carregar o mundo nas costas, mas, acredito que pensar, por exemplo, em estratégias de emancipação de crianças, jovens e adultos negros/os é parte desse processo de disputa pela construção de formas de educação emancipatória.

Podemos dizer que esses são caminhos para pensar a respeito das múltiplas formas de (auto) cuidado do povo negro, tão afetado pela necropolítica de um estado genocida. Nas palavras, de Achille Mbembe:

As maneiras de matar não variam muito. No caso particular dos massacres, corpos sem vida são rapidamente reduzidos à condição de simples esqueletos. Sua morfologia doravante os inscreve no registro de generalidade indiferenciada: simples relíquias de uma dor inexaurível, corporeidades vazias, sem sentido, formas estranhas mergulhadas em estupor (MBEMBE, 2018, p. 60).

Esses corpos de mulheres, de pessoas negras, de pessoas trans cujas vidas não têm sido consideradas *choráveis*. Judith Butler (2020), afirma que “se reconhecermos apenas a certas vidas o direito de aspirar a uma vida vivível; se só choramos quando são essas as vidas que desaparecem por obra da violência, então devemos nos perguntar por que choramos essas vidas e outras não.” A depender da nossa raça, classe, gênero identificamos se as vidas e as mortes das pessoas são mais ou menos dignas de luto aos olhos dos demais. O cotidiano é marcado pela espetacularização da violência, das mortes e assassinatos nas mídias, de modo geral, que pouco ou nada problematizam a situação alarmante.

Flauzina menciona que: “Dentro da cultura institucional do aparato policial brasileiro, temos ainda que destacar o passaporte livre que “as passagens pela polícia” e as “fichas criminais” representam para o extermínio. A partir de discurso e práticas de desumanização das pessoas negras, a biografia criminal dos indivíduos passa a justificar

seu assassinio (FLAUZINA, 2006. p.115-116). Para a autora, o estado e a população, em sua maioria, legitimam essas violências sobre nossos corpos. Números assustadores revelam o quanto crianças e adolescentes têm sido vítimas diariamente de balas, que não são perdidas, porque o destino tem sido os corpos negros. (FLAUZINA, 2006). Nas palavras de Emicida,

Por mais que você corra, irmão
Pra sua guerra vão nem se lixar
Esse é o xis da questão
Já viu eles chorar pela cor do orixá?
E os camburão o que são?
Negreiros a retraficar
Favela ainda é senzala, Jão!”⁹

Nossas existências não têm sido garantidas e o biopoder, através do qual se legitima ao estado e o direito sobre a vida e a morte das pessoas permanecem a nos “retraficar”. Nesse sentido, compreende-se como o racismo opera como regulador da “distribuição da morte e torna possíveis as funções assassinas do Estado” (MBEMBE, 2018, p.18)

Nossa sociedade, em muitos casos, não “chora”, não se indigna, nem tampouco se incomoda e conforta-se com o argumento racista que associa/justifica mortes violentas de pessoas negras ao tráfico. O que temos visto é a pena de morte (que felizmente não é permitida legalmente) para aqueles forçados ao envolvimento direto ou indireto em atividades associadas à criminalidade, que por diversos motivos recorrem a isso por falta de acesso à educação de qualidade e vivenciam as desigualdades e violências a que ficam então expostos. Esse é um dos exemplos de tantos outros, como afirma, Silvio Almeida,

“O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde” (ALMEIDA, ano ??? p.75).

Esse processo de violência contra essa população (indígenas e africanos) é legitimada e se constitui como projeto de estado, desde o período colonial. Não podemos nos esquecer que o estado brasileiro se ergueu com bases no racismo, que é estrutural e, portanto, é contra ele que precisamos lutar. No que diz respeito à experiência das mulheres, Sueli Carneiro problematiza a questão:

Em relação ao tópico da violência, as mulheres negras realçaram uma outra

⁹ Trecho da música Boa Esperança, publicada em 2015 no álbum intitulado: *Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa*.

dimensão do problema. Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. (CARNEIRO, 2003, p.122)

Violências, cuja origem remete ao passado escravista, a exemplo da experiência de mulheres negras ocupando os espaços das ruas desde que chegam ao Brasil para serem escravizadas. No início da República, no Brasil, fins do século XIX e início do século XX, a presença delas incomodava, rompia e borrava os padrões brancos de família e do que se esperava de comportamento “feminino”. Eram ganhadeiras, comercializavam vários alimentos, como o acará, comida de Iansã/Oyá, nas ruas de Salvador, o que representava uma das estratégias de mulheres de santo para se organizarem financeiramente para o cumprimento das suas obrigações rituais. Ao descrever cenas do cotidiano em fins da Bahia oitocentista, Alberto Heráclito Ferreira Filho nos apresenta as vivências negras nessa cidade que foi e ainda é marcada pela presença africana e de afrodescendentes e, paradoxalmente, tão racista e excludente. Nas palavras do autor:

Vestindo saias de decência suspeita e camisas com decotes desguelados majoritariamente pretas, sem chapéus ou espartilhos, comercializando comidas "pouco saudáveis", entrando e saindo de mercados, botequins e armazéns, habitando as ruas com os seus filhos raquíticos, atentando contra a moral com palavras de baixo calão proferidas em condenável português, as mulheres pobres e trabalhadoras não cabiam no postal belle époque de cidade desenhado por Seabra e Calmon. (FERREIRA-FILHO, 1999, p.244)

Outras ancestrais também se engajaram na luta contra a escravidão e organizaram as irmandades. Juntavam o suficiente para comprar a alforria de outras/os irmãs/ãos, ou para garantir o sepultamento a partir de laços que não perpassavam necessariamente pela consanguinidade. “Entre as razões mais importantes para participar das irmandades estava a de garantir um funeral decente e enterro em local consagrado para si e para seus familiares” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, p.110, 2006). A exemplo da Irmandade da Boa Morte, na cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano, onde eram responsáveis por garantir assistência em vida e morte àqueles/as que não teriam direito a uma morte digna pelo Estado escravista e “eram espaço de reforço dos laços de solidariedade, ao mesmo tempo em que propiciavam a recriação de tradições da África.” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, p.110, 2006)

Sobrevivendo ao maremoto da pandemia

Essas estratégias do passado se refletem nos tempos de agora. Por isso, nesta guerra cotidiana muitas de nós mulheres negras precisamos reafirmar nossa existência contra formas atualizadas de opressão, de silenciamento, de condenação à morte. Em outras palavras, *combinamos de não morrer* como sugere Conceição Evaristo. Apesar do racismo e machismo, tão presentes em nossa sociedade, acredito nas palavras de Birca, personagem do conto dessa escritora negra que desabafa: “Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel”. (EVARISTO, 2016, p. 108)

E sobre essas outras formas de existir inspiradas nas feministas negras vislumbro uma sociedade em que nossos corpos, saberes, viveres, vozes, cores, cantos, santos, rezas, ilês, ebós sejam respeitados por todas/os aquelas/es que ainda insistem em nos subjugar através de suas ditas falas hegemônicas. Sejam resistências inspiradas na força das yabás e no poder das águas para que possamos revolucionar e inundar esse mundo lavando a alma de nossa gente tão injustiçada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo. Feminismos Plurais, Polén,, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de Racismo estrutural São Paulo : Sueli Carneiro; *Feminismos Plurais*. Pólen, 2019.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. FRAGA FILHO, Walter de. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BAIROS, Luiza. A mulher negra e o feminismo. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria B (org) *O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador. UFBA/NEIM, 2008. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>. Acesso em 27/08/2018.

BUTLER, Judith. “De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?” Disponível em: <https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html>. Acesso em: 26/11/2020.

CABRERA, Lydia. *Yemanjá e Oxum: iniciações, Yalorixás e Olorixás*. São Paulo, Ed. USP, 2004

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2005. p.339.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados* 17 (49), 117, 2003.

CRESHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista de Estudos Feministas*, ano 10, 2002. Florianópolis: UFSC. P171-188.

EVARISTO, Conceição. 2 ed. – *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'Água*. Pallas: Rio de Janeiro, 2016.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político -cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n92/93, p 69-82 jan/jun.1988.

FERREIRA-FILHO, Alberto Heráclito. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador 1890- 1937. *Revista Afro-Asia*, 21-22, 1998-1999, 1999, 239-256.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. *Corpo negro caído no chão*: o sistema penal e o projeto genocida do estado brasileiro. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Direito, Universidade de Brasília. Brasília, 2006. p.145

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. v. 3. 6 ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro/ São Paulo: 2019

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Cia das Letras, 2001

SARDENBERG, Cecilia. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Paraná, v. 20, p.56 - 96, 2015.

SLENES, Robert. Malungu ngoma vem!": África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP* 12, 48, São Paulo, 1992.